

Fome de quê?

Tatiane Aparecida

Juliana R. Gomes

Alesandro O. Martim

Michelle Pereira

Nas veias da ave de Brasília, a cidadania pulsou. Era a multidão, tomando avenidas e pedindo justiça social. O vermelho que se via nas bandeiras podia lembrar o sangue derramado em Corumbiara e em Eldorado dos Carajás. Mas essa é também a cor do coração. Coração de mãe, que enfeita o carrinho do bebê com a bandeira nacional apostando que o filho conhecerá um país mais justo. Coração de punk, que não tem intimidade com o campo, mas persegue utopias. A Capital cheia de gente e fé no futuro, mostrou que não é pássaro só no desenho. Com ela, a esperança levantou vôo.

Que leite alimenta esse povo queimado de sol? Será a fé do lavrador que leva uma cruz sobre a cabeça? Ou a dor dos frades capuchinhos que aderem aos bonés e vivem seu dia de bolcheviques? Sim, é fé. Mas é também algo mais. Uma coisa palpável como comida no prato. Vigorosa como a irreverência dos estudantes. É visível como devem ser todas as bandeiras na democracia, estejam elas corretas ou não. Quem esteve em Brasília no dia 17 de abril de 1997 pôde entender o grande paradoxo: Essa gente morena se alimenta de uma fome.

Fome de Cidadania!!!